

A IMAGEM DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA COMO FONTE HISTÓRICA

João Felix da Silveira Neto¹

Roberta Araujo Melo²

Orientadora: Maria Lindaci Gomes de Souza³

RESUMO

A Escola dos Annales revolucionou a historiografia ao propor a utilização de novas fontes para a pesquisa histórica. Dentre essas fontes destacamos as imagens, que na contemporaneidade têm adquirido uma importância significativa. Os livros didáticos de História têm utilizado amplamente o recurso imagético, trazendo em suas páginas imagens que representam os mais variados temas e períodos históricos, entendendo que elas contribuem para a compreensão do assunto abordado. Porém, em muitos casos, as imagens apresentadas pelos livros didáticos de História não recebem o tratamento que lhes é conferido pela historiografia. Tais imagens na maioria das vezes não são tratadas como fontes históricas, passíveis de investigações e análises críticas, mas simplesmente como ilustrações que comprovariam o texto escrito. Nesse sentido, discutiremos como as imagens de pessoas negras são apresentadas nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental, analisando outras formas possíveis de apropriação desse material.

PALAVRAS-CHAVE: Imagens. Livro didático. Fonte histórica.

INTRODUÇÃO

O livro didático de História se constitui um objeto polêmico. As abordagens sobre este material são diversas, indo desde avaliações positivas, que o consideram um importante recurso para alunos e professores nas aulas de História a duras críticas, considerando-o um instrumento ideológico e um empecilho na construção de um conhecimento histórico crítico. Muitos pesquisadores têm se dedicado a analisar esse material didático sob variados enfoques como a transposição do conhecimento acadêmico para suas páginas, os aspectos políticos, mercadológicos e ideológicos de sua produção, determinados conteúdos apresentados, etc.

Há mais de um século as imagens fazem parte do conteúdo dos livros de História, e atualmente tais imagens tem recebido maior ênfase, tendo em vista a importância dos recursos visuais para a sociedade contemporânea. Somam-se a isso as

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: j-fs-neto@hotmail.com

² Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: robertaraujo_melo@hotmail.com

³ Doutora. Professora do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

inovações propostas pela Escola dos Annales, dentre as quais destacamos a ampliação do conceito de fonte histórica, no qual as imagens passaram a estar incluídas.

Neste sentido, pretendemos discutir a utilização das imagens de pessoas negras neste objeto didático. Analisamos obras didáticas de História a fim de percebermos o tratamento conferido à imagem do negro em suas páginas, se estas imagens são apresentadas como fontes históricas, problematizadas a partir de seu contexto de produção e intencionalidade de suas representações.

O LIVRO DIDÁTICO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

O livro didático ocupa um lugar de destaque na prática docente, sendo, em muitos casos, o único material impresso que os alunos têm acesso e o único recurso disponível para o professor. Por outro lado, esse material didático também tem sido objeto de muitas discussões e críticas. No Brasil, após a Segunda Guerra Mundial, os livros didáticos em geral, e em especial o livro didático de História, foram apontados como instrumentos ideológicos a serviço da manipulação, da dominação e da propagação de valores de determinadas classes sociais (MUNAKATA, 1998).

Apesar dessa abordagem negativa, os livros didáticos continuam a circular amplamente no ambiente escolar, tendo um importante papel para os professores e alunos na medida em que se constituem um suporte de métodos pedagógicos, são utilizados para a seleção dos conteúdos, além de serem os responsáveis pela transposição do saber acadêmico para o escolar.

Conforme Circe Bittencourt, não devemos avaliar o livro didático de História partindo do pressuposto de que ele deve solucionar os problemas relacionados ao ensino desta disciplina. O livro didático precisa ser entendido como um objeto construído historicamente, em cuja elaboração estão envolvidos aspectos políticos, sociais, econômicos, ideológicos, etc.

O livro didático possui limites, vantagens e desvantagens como os demais materiais dessa natureza e é nesse sentido que precisa ser avaliado. Para que o livro didático possa desempenhar um papel mais efetivo no processo educativo, como um dos instrumentos de trabalho de professores e alunos, torna-se necessário entendê-lo em todas as suas dimensões e complexidade. (BITTENCOURT, 2009, p. 300, 301)

Um aspecto importante a ser observado é que com a criação do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) em 1985, os livros didáticos passaram a ser avaliados e distribuídos para as escolas a partir de critérios estabelecidos pelo MEC. Dessa forma, houveram muitas mudanças em relação à produção de tais livros, que passaram a ser elaborados segundo as regras de um mercado consumidor.

Tornando-se um objeto bastante lucrativo, a produção de livros didáticos recebeu maior atenção das editoras, que se tornaram verdadeiras empresas especializadas nesse tipo de livro. Vários profissionais passaram a ser contratados pelas editoras, tornando-se responsáveis por aspectos específicos como edição, copidesque, diagramação, ilustração, etc. Assim, acirrou-se também a competição entre as editoras pela produção de livros com qualidade gráfica superior e que atendessem aos critérios do MEC.

Entretanto, não é apenas a produção que afeta a trajetória do livro didático até chegar às mãos de professores e alunos nas salas de aula. Cabe-nos ressaltar que regulamentada pelo PNLD, ainda resta a escolha das obras didáticas pelos professores. Neste sentido, como observa Munakata (2012, p.189) “a escolha do professor está restrita ao repertório que compõe o Guia de livro didático, que publica o resultado da avaliação realizada pela comissão instituída pelo Ministério da Educação”.

Segundo estudiosos desse processo, nem sempre a qualidade do livro é o fator determinante na escolha. Há algumas dificuldades com o *Guia*, que não está disponível em alguns casos, para análise das obras com antecedência, como também muitos professores reclamam que os pareceres do *Guia* não são suficientes para definir a qualidade de ensino propiciado pelo material. Além disso, há casos estudados onde se constatou a influência das editoras na escolha das obras didáticas.

Igualmente, as relações que professores e alunos estabelecem com o livro didático são variadas e podem ir da simples utilização deste livro como veículo portador de verdades inquestionáveis a usos onde se priorizam atitudes críticas, e se incentivam posturas questionadoras diante do conhecimento histórico apresentado pelo livro.

HISTÓRIA E IMAGENS

A Escola dos Annales revolucionou a historiografia ao propor ideias inovadoras em relação ao fazer História. Dentre estas destacamos a “história problema” em substituição à uma história que se ocupava apenas na ordenação cronológica e narração

dos acontecimentos e o fato histórico que ao invés de ser “dado” nos documentos passou a ser entendido como uma construção do historiador.

Outra inovação proposta pelos Annales foi o alargamento das fontes históricas utilizadas pelo pesquisador. Todos os vestígios deixados pelo homem passaram a ser entendidos como documentos e não mais apenas os registros escritos oficiais. Conforme Reis (2004, p.17),

O historiador não pode se resignar diante de lacunas na informação e deve procurar preenchê-las. Para isto, usará os documentos não só de arquivos, mas também um poema, um quadro, um drama, estatísticas, materiais arqueológicos. O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher o esquecimento, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo.

Dentre as novas fontes que passaram a compor o acervo de documentos que podem ser utilizados pelo historiador estão as imagens. Embora imagens sejam produzidas pela humanidade desde os tempos mais remotos, como demonstram as pinturas nas cavernas de Lascaux, apenas recentemente os historiadores tem se dedicado a investigá-las.

A importância dos registros iconográficos para a história não pode ser negada. Tomemos como exemplo as pinturas nos túmulos egípcios e o seu papel na compreensão da história do Egito antigo. Porém, ao utilizar as imagens os historiadores precisam lhes conferir o mesmo tratamento dado aos documentos escritos, ou seja, não podem ignorar a sua historicidade e intencionalidade, pois de forma semelhante aos registros escritos a história não encontra-se por si só nesses registros iconográficos.

Conforme Pesavento (2003, p.48, 49), “tal como os discursos, as imagens têm o real como seu referente, não sendo a sua mimesis” e na medida em que se propõem a reproduzir o real, seja de forma realista ou através de símbolos, as imagens o decompõem e o transformam, deformando-o. Esta autora ainda enfatiza que “a redescoberta da imagem pela História deu-se pela associação com a ideia de representação”, pois “palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário”. Dessa forma, a concepção da imagem como representação do real e não o próprio real deve estar sempre presente nas análises que o historiador fizer a partir de documentos iconográficos.

Chartier (2002, p.21) propõe que a relação de representação deve ser entendida como o “relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente, valendo

aquela por este”. A imagem presente para o historiador pode ser um quadro, uma pintura em um túmulo, um afresco, uma iluminura, uma fotografia, etc. Já o objeto ausente é a realidade passada que o registro iconográfico se propõe apresentar.

Ao utilizar imagens, o historiador também precisa conhecer os signos ou ícones e os códigos especiais que indicam a lógica de significados presentes nas imagens em determinadas épocas. Esse conhecimento permitirá uma leitura das imagens e uma interpretação do seu significado enquanto representação de um período histórico. Nessa tarefa o historiador pode contar com o auxílio da Semiótica, a teoria dos signos e das representações, que lhe oferecerá o arcabouço teórico necessário para sua análise.

Embora as imagens possuam um valor documental para o historiador, este não deve ater-se à temporalidade ou conteúdo representado, mas buscar perceber o sentido da representação, como os homens da época em que foi produzida a imagem representavam a si mesmos, como se percebiam e compreendiam o que procuravam representar, como também quais os valores, sentidos e sentimentos que pretendiam transmitir através dos signos contidos nas imagens.

A IMAGEM DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

As editoras de livros didáticos de História, percebendo o valor das imagens para a sociedade atual, assim como a sua utilização na pesquisa histórica como fontes documentais, têm inserido uma grande quantidade de recursos iconográficos em suas páginas. São imagens dos mais variados tipos e tamanhos, como gravuras, pinturas, desenhos, fotografias, quadrinhos, etc.

Neste artigo nos ocuparemos em analisar apenas a utilização de imagens de pessoas negras nos livros didáticos de História. Para tanto selecionamos duas obras didáticas do 7º ano: Saber e Fazer História – História Geral e do Brasil e Projeto Araribá História. Estes livros estão entre os aprovados e sugeridos pelo MEC através do Guia do Livro Didático de História do PNLD 2011.

A maior parte das imagens de pessoas negras nestes livros referem-se ao período colonial brasileiro e à escravidão. Destacamos duas posturas em relação ao uso das imagens dos negros nos livros didáticos de História. Podemos observar primeiramente que muitas destas imagens aparecem nos referidos livros didáticos como simples ilustrações que complementam ou resumem a temática abordada. Neste sentido, a perspectiva historiográfica de que os registros iconográficos devem ser considerados

testemunhos da época em que foram produzidos, cabendo ao pesquisador investigar a sua intencionalidade e sentidos pretendidos por quem o produziu é deixada de lado, ficando a utilização das imagens relegada a simples reforços, comprovações ou resumos do conteúdo escrito. Como destaca Bittencourt (2004, p. 75),

A importância das imagens como recurso pedagógico tem sido destacada há mais de um século por editores e autores de livros didáticos escolares de História [...] “Ver as cenas históricas” era o objetivo fundamental que justificava, ou ainda justifica a inclusão de imagens nos livros didáticos em maior número possível, significando que as ilustrações concretizam a noção altamente abstrata de tempo histórico [...] Nesse sentido, as vinhetas ou legendas explicativas, colocadas abaixo de cada ilustração, indicavam o que o aluno deveria observar e reforçava a ideia contida no texto.

A permanência do uso das imagens do negro no livro didático de História como meras ilustrações pode reforçar visões estereotipadas do passado, que inclusive, vêm sendo questionadas por alguns historiadores. As imagens dissociadas do seu contexto social e histórico de produção podem contribuir para uma concepção de História onde as pessoas negras são vistas como meros sujeitos do trabalho, simples peças da engrenagem do sistema colonial, como pessoas que aceitavam passivamente a escravidão e os castigos decorrentes desta condição, ignorando o seu potencial de resistência e luta pela mudança da ordem estabelecida. Diante dessa forma de utilização apresentada pelo livro didático é necessária uma postura questionadora por parte do professor, problematizando tais imagens e incentivando uma leitura crítica dos signos iconográficos nelas representados.

Por outro lado, também observamos algumas imagens recebendo certo tratamento documental. Em alguns momentos, os livros analisados apresentam informações importantes quanto ao autor, à data da produção, local onde se encontra, e até mesmo sobre o contexto histórico de produção da obra que figura em suas páginas. Sugestões de atividades são também propostas em relação a algumas imagens como análises e comparações com textos escritos. Tomemos como exemplo a imagem abaixo.

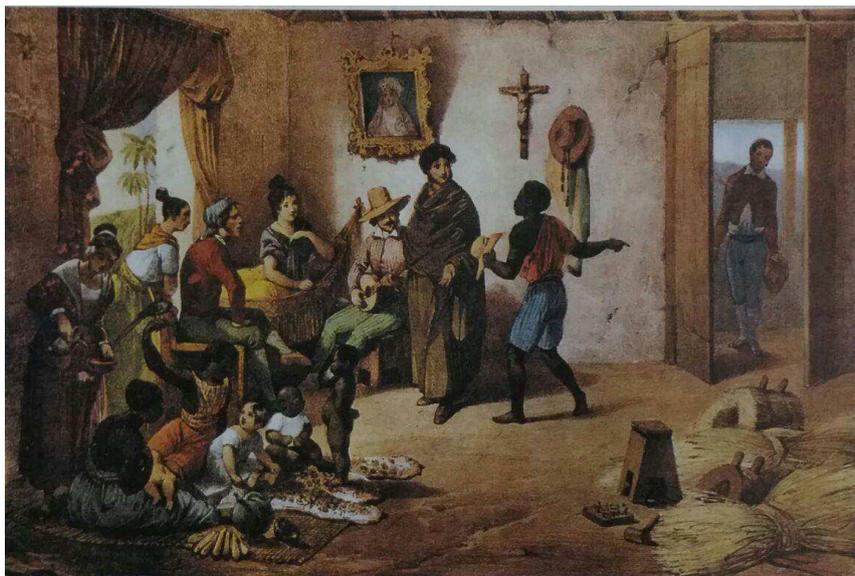


Figura 1⁴

O livro onde está inserida traz na legenda o título, nome do autor, ano de produção e local onde se encontra atualmente, além de instigar o leitor a observar os aspectos que o artista procurou representar na imagem. Essas informações apresentadas pelo livro didático devem levar o professor e os alunos a uma leitura crítica das representações dos negros na gravura.

Deve-se observar que o artista que a pintou, no caso exemplificado, Debret, chegou ao Brasil no início do século XIX e em suas pinturas buscava representar um Brasil civilizado, com exaltação do elemento monárquico e ênfase na convivência harmônica entre negros, indígenas e brancos, sendo estes últimos os responsáveis pela condução da nação. Dessa forma, a utilização as imagens do negro no livro didático como fontes históricas parte da problematização desse contexto histórico e das concepções do pintor, indo além de uma simples observação e aceitação passiva do suposto caráter realista da obra.

É interessante destacar que algumas imagens trazem em sua legenda a descrição de que são representações idealizadas de determinadas situações históricas, o que demonstra uma mudança, ainda que tímida em relação à utilização das imagens como fontes documentais nos livros didáticos de História. Cabe, portanto, ao professor, partindo dessas informações disponíveis inicialmente, fomentar uma postura crítica nos

⁴ Família de fazendeiros. Gravura de Jean-Baptiste Debret, 1835. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro. p. 234 do livro Projeto Araribá História.

alunos, desmistificando a naturalidade dessas representações, e o seu lugar enquanto fonte documental na construção do conhecimento histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procuramos analisar como os livros didáticos de História utilizam os recursos imagéticos em suas páginas com destaque para a imagem do negro. Observamos que grande parte das imagens analisadas ainda não recebe uma ênfase historiográfica, ou seja, não são tratadas como documentos, pois aparecem desvinculadas dos seus aspectos históricos de produção, surgindo aos olhos do leitor apenas como ilustrações do conteúdo apresentado ou como resumo do que se pretende afirmar.

Entretanto, de forma incipiente, podemos perceber certa mudança em relação a algumas imagens em cujas legendas estão inseridas informações importantes sobre seu autor, data e local de produção, bem como questionamentos sobre seu conteúdo. A percepção de que a imagem apresentada é uma fonte histórica, uma representação da realidade e não a própria realidade pode ser notada em alguns registros iconográficos que figuram nos livros analisados. Porém, mesmo nesses casos é necessária uma análise mais aprofundada uma utilização crítica destes recursos imagéticos.

Dessa forma, destacamos a importância do papel do professor para que as imagens do negro nos livros didáticos de História sejam entendidas enquanto fontes históricas. É necessário que o professor esteja atento à forma como os negros são representados em tais livros para que concepções tradicionais de História não sejam reforçadas, e a construção histórica seja possível através da problematização e leitura crítica das fontes iconográficas disponíveis no livro didático.

REFERÊNCIAS

- APOLINÁRIO, Maria Raquel (editora responsável). **Projeto Araribá: História**. 7º ano. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2010.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- _____. **Livros didáticos entre textos e imagens**. O saber histórico na sala de aula. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Saber e fazer história: história geral e do Brasil**, 7º ano. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

Guia de livros didáticos: PNLD 2011 : História. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MUNAKATA, Kazumi. **Histórias que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura no Brasil**. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia Brasileira em perspectiva*. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Contexto, 1998. (p.271-296)

_____. **O livro didático: alguns temas de pesquisa**. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas-SP, v.12, n. 3, set./dez. 2012, p. 179-197. Disponível em: <<http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/rbhe.2013.008>>. Acesso em: 26 out. 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

REIS, José Carlos. **O surgimento da “Escola dos Annales” e o seu “programa”**. In: *A Escola dos Annales – A inovação em História*. SP: Paz e Terra, 2. Ed, 2004.